

06 APR 1996

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO

Presidente

WILSON FIGUEIREDO

Vice-Presidente

MARCELO PONTES

Editor

PAULO TOTTI

Editor Executivo

REDAÇÃO

MARCELO BERABA

Editor Executivo

ORIVALDO PERIN

Secretário de Redação

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO

Diretor

EDGAR LISBOA

Diretor Agência JB

Economia
Brasil

Momento Decisivo

Futebol é momento, costumam dizer os técnicos de clube. Economia, também, embora os economistas sejam mais comedidos. Dialética por natureza, a economia não permite viver dos louros do passado. A menor taxa mensal de inflação desde 1958 (0,23% em São Paulo, em março) nem chegou a ser celebrada pelo governo. A confusão em torno da liberação-aumento dos combustíveis deve quadruplicar a taxa em abril.

Mais do que esse repique estatístico — perfeitamente assimilável se a vocação inflacionária e cartelizadora das áreas ainda não arejadas pela concorrência deparar-se com a heróica resistência do consumidor — preocupam efetivamente ao governo os sinais de esgotamento do fôlego monetário-cambial para garantir a estabilização da economia.

Chega a ser enfadonho repisar que a única garantia duradoura de estabilização da economia vem da área fiscal. O equilíbrio fiscal não é fixação da ortodoxia econômica. É o pressuposto da definição dos campos de atuação do Estado e do setor privado nas economias de mercado. Fiscal por exceléncia da sociedade, o Congresso vigia a execução orçamentária para evitar que o Estado avance sobre a poupança privada, desorganizando a economia.

No Brasil, a resistência política à adoção de medidas institucionais e estruturais destinadas a promover o equilíbrio fiscal revela o inconformismo com a derrota do sonho do Estado provedor e gerenciador. A economia de planejamento central não foi capaz de atender às demandas das sociedades do Leste Europeu e ruiu com o Estado soviético.

É exatamente esse ativismo político nostálgico, ainda vocalizado no Congresso, que está entravando a tomada de medidas corajosas por parte do governo Fernando Henrique para redifinir o quanto antes o Estado brasileiro, marcando claramente o campo de suas responsabilidades sociais e a área de atuação do setor privado.

Mais que a sustentação de um sonho utó-

pico, o ativismo político está hoje apenas defendendo a face mais perversa do fracassado modelo estatizante de desenvolvimento brasileiro. O corporativismo egoista, incrustado nos estamentos estatais, sofreu duro golpe com a aceitação plena da privatização pela sociedade. O aumento da eficiência das empresas sob gestão privada provou a incapacidade do Estado como empresário e regulador exclusivo das atividades econômicas.

Resiste, porém, com a forte convivência dos políticos, o corporativismo do funcionalismo público, que recorre a toda a sorte de expedientes para manter cargos e privilégios. Os longos anos de fisiologismo explicam mas não justificam a reação dos congressistas a dar consequência às reformas modernizadoras da Constituição que eliminam vantagens inaceitáveis para o contribuinte que paga tudo. E o que dizer do sentido ético dos procuradores e juízes que se escudam em leis e dispositivos caducos diante da realidade fiscal e financeira do país para sustentar privilégios como fatos de direito adquirido?

Apenas 21 meses de estabilização e de recuperação do poder de compra foram suficientes para provar à sociedade que não passava de mistificação a tese das élites empresariais (adotada por larga faixa dos políticos) de que um pouco de inflação — e de déficits fiscais — ajudava a desenvolver o Brasil, gerando maior concentração de renda.

Os políticos e administradores que se van gloriam das obras que acreditam deixar para a posteridade, mas escondendo déficits e dívidas que ficam para o contribuinte pagar, relutam em adotar as medidas modernizadoras que mudariam a natureza do discurso político no Brasil. A opinião pública torce para que a atual safra de economistas responsável pelo mais bem-sucedido plano de estabilização nos últimos 30 anos continue com condições objetivas para combinar inflação baixa com crescimento. E não perdoará os que jogarem fora essa conquista.